

MORUS

UTOPIA E RENASCIMENTO

Número 6

2009

II Congresso Internacional de Estudos Utópicos
da Revista MORUS - Utopia e Renascimento

O Que É Utopia?

Gênero e modos de representação

ANAIS

7, 8, 9 e 10 de junho de 2009

Universidade Estadual de Campinas

Brasil

Editor	Carlos Eduardo Ornelas Berriel
Co-editores	Ana Cláudia Romano Ribeiro Helvio Gomes Moraes Junior
Grupo de Estudos sobre Renascimento e Utopia	Ana Cláudia R. Ribeiro, Helvio G. Moraes Jr., Yvone Greis, Daniela Spinelli, Ivone Gallo, Emerson Tin, Marina Berriel, Tarsilla C. de Brito, Geraldo Witeze, Juliana de O. Lopes, Laura C. Machado, Milene Baldo, Regina Carpentieri.
Conselho editorial	Andrea Battistini – Università di Bologna (Itália) Antonio Edimilson M. Rodrigues - UERJ/PUC-RJ/UFF (Brasil) Arrigo Colombo – Università di Lecce (Itália) Bronislaw Baczko – Université de Genève (Suíça) Carlos Antonio Leite Brandão – Faculdade de Arquitetura - UFMG (Brasil) Claude-Gilbert Dubois – Université Michel de Montaigne – Bordeaux 3 (França) Claudio De Boni – Università di Firenze (Itália) Cosimo Quarta – Università di Lecce (Itália) Edgar De Decca – UNICAMP (Brasil) Fátima Vieira – Universidade do Porto (Portugal) Francisco José Calazans Falcon UFRJ/UFF/PUC-RJ (Brasil) Frank Lestringant – Université Paris IV-Sorbonne (França) Jean-Michel Racault – Université de la Réunion (França) Laura Schram Pighi – Università di Bologna (Itália) Leandro Karnal – UNICAMP (Brasil) Lyman Tower Sargent – University of Missouri (EUA)/Royal Holloway e Bedford New College, University of London (Inglaterra) Nadia Minerva – Università di Bologna (Itália) Peter Kuon - Universidade de Salzburg (Áustria) Raymond Trousson – Université Libre de Bruxelles (Bélgica) Vita Fortunati – Università di Bologna (Itália)
Projeto gráfico	Paula Almozara (e-mail: almazara@gmail.com)
Capa	Ivan Grilo (e-mail: igrilo@terra.com.br)
Escolha das imagens das capas	Editoria
Revisores permanentes	Co-editoria
Diagramação	Ana Cláudia R. Ribeiro
Equipe de apoio neste número	Yvone Greis, Daniela Spinelli, Juliana de O. Lopes, Laura C. Machado, Milene Baldo e Stefania Serra.
Imagem da capa	© Photothèque R. Magritte, “Perspicácia”, licenciado por AUTVIS, Brasil, 2008.
Correspondência para	Prof. Carlos Eduardo Ornelas Berriel, Editor Revista MORUS – Utopia e Renascimento Caixa Postal 6054 – CEP 13.083-970 Campinas – SP, Brasil Blog: http://revistamorus.blogspot.com E-mail: revistamorus@hotmail.com

ÍNDICE

ORGANIZADORES	9
OBJETIVOS, JUSTIFICATIVA E ABRANGÊNCIA	10
CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS TRABALHOS	11
HISTÓRICO	11
O PROBLEMA UTÓPICO	12
PROGRAMMA TEMATICO DEL II CONVEGNO INTERNAZIONALE DI STUDI UTOPICI	14
PROGRAMME THÉMATIQUE DU II CONGRÈS INTERNATIONAL D'ÉTUDES UTOPIQUES	16
THEMATIC PROGRAM OF THE 2 nd INTERNATIONAL CONGRESS OF UTOPIAN STUDIES	18
PROGRAMA	20
DISCURSO DE ABERTURA Carlos E. O. Berriel	24
Da idéia de perfeição como elemento definidor da utopia: As utopias clássicas e a natureza humana <i>Jean-Michel Racault</i>	29
Campanella, l'immaginazione utopica al servizio del cesaropapismo <i>Carlos Eduardo Ornelas Berriel</i>	47
La nuova linea dell'utopia <i>Arrigo Colombo</i>	55
Crisi delle ideologie e delle forme nella narrativa utopica del Novecento <i>Vita Fortunati</i>	61
Positivismo e utopia: la religione dell'Umanità di Comte <i>Claudio de Boni</i>	71

L'utopie comme comble de la fiction à la Renaissance	79
<i>Marie-Luce Demonet</i>	
Utopie et alchimie dans <i>L'Histoire véritable ou Le Voyage des princes fortunés</i>	89
(1610) de François Béroalde de Verville	
<i>Laetitia Bontemps</i>	
A cidade de Orbe no romance fabuloso de Barthélemy Aneau	99
<i>Yvone Soares dos Santos Greis</i>	
A utopia tupi, segundo Montaigne	117
<i>José Alexandrino de Souza Filho</i>	
Utopia, terra de hereges?	123
<i>Hilário Franco Jr.</i>	
La naissance de l'utopie comme supplément au récit de voyage	131
<i>Peter Kuon</i>	
A utopia e a sátira	139
<i>Ana Cláudia Romano Ribeiro</i>	
Reminiscências e observação no universo dos viajantes	149
dos séculos XIV e XV	
<i>Susani Silveira Lemos França</i>	
On the very notion of utopia	157
<i>Costica Bradatan</i>	
Thomas More, utopista <i>malgré lui</i>	167
<i>Jorge Bastos da Silva</i>	
Cidade utópica e cidade ideal em Francesco Patrizi da Cherso	173
<i>Helvio Gomes Moraes Junior</i>	
Novas tecnologias, novas utopias	181
<i>Fátima Vieira</i>	
Alotopias de Luciano de Samósata	193
<i>Jacyntho Lins Brandão</i>	
La utopía gastronómica en la comedia griega antigua	201
<i>Maria José García Soler</i>	
La antiutopía de las Amazonas en el <i>Hipólito</i> de Eurípides	211
<i>Hernán Martignone</i>	
A possível <i>República</i> de Platão	221
<i>Carolina Araújo</i>	

Livelli del pensiero utopico: antropologia, storia, letteratura	229
<i>Cosimo Quarta</i>	
Utopia e socialismo	245
<i>Ivone Gallo</i>	
Metáforas da utopia no espaço público contemporâneo: evidências linguísticas em português	255
<i>Margarida Salomão</i>	
Administração da diferença, preservação da hegemonia	261
<i>Benjamin Abdala Jr.</i>	
Quando o futuro vira piada: dimensões humorísticas das utopias modernas	271
<i>Elias Tomé Saliba</i>	
Utopias e distopias no campo linguístico: as concepções e as teorias sobre as afasias	277
<i>Edwiges Morato</i>	
Dante Alighieri e o projeto do vulgar ilustre	287
<i>Bruno Dallari</i>	
Da dove ricominciare oggi per progettare l'utopia?	295
<i>Adriana Corrado</i>	
Do utopismo iluminista ao (anti)utopismo romântico: a crítica romântica da razão utópica	307
<i>Marcio Seligmann-Silva</i>	
Zanzalá, uma utopia brasileira	325
<i>Cristina Meneguello</i>	
O eu e o outro nas <i>Lettres chinoises</i> , de Voltaire	337
<i>Emerson Tin</i>	
Utopia come scienza escapologica	345
<i>Gianluca Bonaiuti</i>	
Entre utopias e distopias: indicações sobre a catástrofe	363
<i>Iara Lis Schiavinatto</i>	
Das possibilidades de cidades utópicas: os projetos urbanos no espaço do novo mundo	369
<i>Antônio Edmilson M. Rodrigues</i>	
Le mappe dell'utopia	375
<i>Marianna Forleo</i>	

L'utopia cosmopolitica moderna	381
<i>Laura Tundo Ferente</i>	
Psicanálise e a vocação iconoclasta das utopias	397
<i>Edson Luiz André de Souza</i>	
Perséfone no espaço.	
A literatura e a morte dos mitos na ficção científica	405
<i>Biagio d'Angelo</i>	
Em busca das utopias da/na América Latina: identidades, literatura e cultura	413
<i>Ildney Cavalcanti e Alfredo Cordivola</i>	
Lingue d'utopia.	
Un contributo essenziale per un assetto armonico	423
<i>Nadia Minerva</i>	
A organização narrativa da imagem e da contra-imagem.	
Da poética das utopias literárias	435
<i>Willem Vosskamp</i>	
Declinazioni dello spazio abitato in terra d'utopia	447
<i>Carmelina Imbroscio</i>	

ÍNDICE DAS EDIÇÕES DA REVISTA
MORUS - UTOPIA E RENASCIMENTO

Nº 1, 2004: <i>Cidades utópicas</i>	457
Nº 2, 2005: <i>A definição do gênero utopia</i>	458
Nº 3, 2006: <i>O impacto das descobertas geográficas no imaginário europeu</i>	459
Nº 4, 2007: <i>Scienza e tecnica nell'utopia e nella distopia</i>	460
Nº 5, 2008: <i>Utopia, Reforma e Contra-Reforma</i>	461

ORGANIZADORES

DO II CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS UTÓPICOS DA REVISTA *MORUS - UTOPIA E RENASCIMENTO* "O QUE É UTOPIA? GÊNERO E MODOS DE REPRESENTAÇÃO"

Coordenador

Carlos Eduardo Ornelas Berriel (DTL/IEL/UNICAMP)

Comissão Executiva

Ana Cláudia Romano Ribeiro (doutoranda DTL/IEL/UNICAMP)

Helvio Gomes Moraes Jr. (doutorando DTL/IEL/UNICAMP)

Comissão de Organização

Edgard De Decca (IFCH/UNICAMP)

Carlos Antônio Leite Brandão (Arquitetura/UFGM)

Edwiges Morato (DL/IEL/UNICAMP)

Cláudio De Boni (Dipartimento di Studi Sullo Stato/Università di Firenze)

Arrigo Colombo (Centro Interuniversitario di Studi Utopici/Università del Salento)

Cosimo Quarta (Centro Interuniversitario di Studi Utopici/Università del Salento)

Vita Fortunati (Centro Interdipartimentale di Ricerca sull'Utopia/Bologna)

Iara Lis Schiavinatto (Instituto de Artes/UNICAMP)

Cristina Meneguello (Departamento de História/IFCH/UNICAMP)

Ivone Gallo (Departamento de História /PUC/Campinas)

Emerson Tin (FACAMP/Campinas)

Instituições Patrocinadoras

Revista *MORUS – Utopia e Renascimento*

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP

U-TOPOS - Centro de Estudos Utopicos (IEL/UNICAMP)

Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária (IEL/UNICAMP)

Dipartimento di Studi Sullo Stato/Università di Firenze (Itália)

Centro Interuniversitario di Studi Utopici (Università del Salento - Lecce/Itália)

Centro Interdipartimentale di Ricerca sull'Utopia (Università de Bologna/Itália)

OBJETIVO, JUSTIFICATIVA E ABRANGÊNCIA

Por ocasião do **I Congresso Internacional de Estudos Utópicos** (“Convegno Internazionale Scienza e Tecnica nell’utopia e nella distopia”), ocorrido em maio de 2007, numa iniciativa conjunta da revista *MORUS – Utopia e Renascimento* e do *Dipartimento di Studi Sullo Stato* da *Università degli Studi di Firenze* (Itália), por determinação de seus participantes, decidiu-se realizar no Brasil um segundo encontro, que é justamente este **II Congresso Internacional de Estudos Utópicos: O que é utopia? Gênero e modos de representação**, nos dias 7, 8, 9 e 10 de junho de 2009, no Auditório da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/SP).

Visa este **II Congresso Internacional de Estudos Utópicos** delimitar a natureza literária da Utopia e definir as modalidades de seu conceito enquanto gênero – e mesmo verificar se este projeto é possível. Tal questão leva à avaliação de sua historicidade, sua relação com a experiência da viagem, sua relação com a crítica social, isto é, com a política; a utopia mobiliza o raciocínio filosófico, lingüístico, antropológico, religioso, econômico, ético, todos os campos da arte: o fundamental é transformá-la de assunto em objeto. Trata-se de definir o gênero como ponto de partida e de chegada do pensamento, localizando-o dentro da História concreta, deduzindo-o de forma sintética e afastando o procedimento, mais dissolvente que esclarecedor, de qualificar como utopia qualquer figuração social imaginária.

O tema da Utopia possui grande relevância e tem sido objeto de reflexão privilegiado de muitos pesquisadores das principais universidades no mundo nos últimos anos. Algumas delas dispõem de Centros de Estudos dedicados ao tema da Utopia:

- *Society for Utopian Studies* (EUA, desde 1975);
- *Centro Interuniversitario di Studi Utopici* (Lecce, Itália, desde 1982);
- *Utopian Studies Society* (Inglaterra, desde 1988);
- *Centro Interdipartimentale di Ricerca sull’Utopia* (Bolonha, Itália, desde 1989);
- *Literatura e Utopia* (UFAL, Brasil, desde 2000);
- *Ralahine Center for Utopian Studies* (Irlanda, desde 2003);
- *U-TOPUS – Centro de Pesquisa sobre Utopia* (UNICAMP, Brasil, desde 2008).

É preciso também ressaltar a existência de revistas acadêmicas dedicadas exclusivamente aos estudos utópicos:

- *Utopian Studies Journal* (EUA, desde 1988)
- *MORUS – Utopia e Renascimento* (Campinas, Brasil, desde 2004);
- *E-topia* (Portugal, desde 2004);
- *Spaces of utopia* (Portugal, desde 2006);
- *Rivista di Studi Utopici* (Itália, desde 2006);
- *Utopia and utopianism* (Espanha, desde 2006).

Este Congresso promoverá o encontro de estudiosos brasileiros com a expressão de ponta da discussão sobre utopia realizada nesses centros e também fora deles, por outros pesquisadores, daí a natureza multilingue do evento. Cabe ressaltar que também é multilingüe a revista *Morus – Utopia e Renascimento*, o único periódico na área da utopia no Brasil, promotor principal deste congresso.

Os objetivos do **II Congresso Internacional de Estudos Utópicos**, de natureza interdisciplinar e multilingüe são, portanto:

- 1) Delimitar a natureza literária da Utopia e definir as modalidades de sua definição enquanto gênero, verificando se este projeto é possível;
- 2) Divulgar no Brasil o tema da utopia e das várias linhas de pesquisas a ele relacionadas e representadas pelos pesquisadores que virão a este congresso;
- 3) Promover o diálogo entre pesquisadores brasileiros e os principais pesquisadores sobre Utopia de universidades européias e americanas, aprofundando os contatos já existentes e possibilitando futuras parcerias;
- 4) Preencher uma lacuna na bibliografia brasileira sobre o tema utópico com a publicação dos anais deste congresso;
- 5) Envolver, além de especialistas, discentes dos programas de graduação e pós-graduação das várias disciplinas relacionadas ao tema do congresso: Literatura, Língua, História, Filosofia, Arquitetura e Artes.

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS TRABALHOS

Foram selecionados os trabalhos que:

- a) tratam precipuamente do tema do Congresso (i.e., a natureza do gênero utópico);
- b) têm notória qualidade científica;
- c) desenvolvem aspectos originais relacionados ao tema do Congresso.

HISTÓRICO

O **II Congresso Internacional de Estudos Utópicos** é decorrência lógica das atividades de pesquisa sobre o fenômeno utópico já realizadas pelos pesquisadores de várias nacionalidades e instituições reunidos no âmbito da revista *MORUS – Utopia e Renascimento*, editada por Carlos E. O. Berriel, fundada em 2004. Esta publicação conta com um Conselho Editorial composto pelos mais expressivos especialistas na questão utópica no plano internacional. Com periodicidade anual, a revista MORUS está em seu quinto número. Cada volume é dedicado a um dossiê temático, sendo:

Nº 1 - 2004: *Cidades utópicas*;

Nº 2 - 2005: *Utopia como gênero literário*;

Nº 3 - 2006: *O impacto da descoberta do Novo Mundo na cultura européia*;

Nº 4 - 2007: *Scienza e tecnica nell'utopia e nella distopia*;

Nº 5 - 2008: *Utopia, Reforma e Contra-Reforma*.

A revista *MORUS – Utopia e Renascimento* também organizou, juntamente com o *Dipartimento di Studi sullo Stato da Università degli Studi di Firenze* (Itália), o **I Congresso Internacional de Estudos Utópicos** sobre o tema “Scienza e tecnica nell’utopia e nella distopia”, realizado nos dias 22 e 23 de maio de 2007, em Florença, e que contou com a participação de pesquisadores de vários países, especialistas no estudo dos problemas utópicos, cujas atas foram publicadas em seu quarto número.

O PROBLEMA UTÓPICO

Poucos gêneros literários nasceram com um registro mais claro do que a utopia. Com data (1516) e autor (Thomas Morus), a *Utopia* forneceu, no berço, os parâmetros, os procedimentos e o nome deste gênero, que se multiplicou em dezenas de obras em vários países já no século XVI: Alemanha (*Wolfaria*, de Eberlin, 1521, e os *Commentariolus*, de Kaspar Stiblin, 1555), Espanha (*Relox de Principes*, de Antonio de Guevara, 1529), Itália (*Mondo Savio e Pazzo*, de Doni, 1552, *La Città Felice*, de Patrizi da Cherso, 1553, *La Repubblica Immaginaria*, de Ludovico Agostini, 1591), França (com a descrição da abadia de Thélème, no primeiro livro de *Gargantua et Pantagruel*, de Rabelais, 1532, e de Orbe, em *Alector ou le Coq*, de Aneau, 1560, ou com a *Ilha dos Hermafroditas*, atribuída a Artus Thomas, 1605).

As utopias foram, em seu meio milênio de história, interlocutoras contínuas das várias sociedades e teorias políticas correspondentes, sendo a própria utopia, às vezes, uma teoria política e uma proposta de sociedade. As definições pontuais, ainda que úteis e verdadeiras, não esgotam o assunto. O gênero, filho da História, é o ponto. A solução estaria em colocar o problema na perspectiva histórica: desde Thomas Morus, autor do vocábulo, é chamada *utopia* toda descrição de uma sociedade supostamente perfeita em todos os sentidos, palavra que quer dizer, literalmente, “o que está em nenhum lugar”. Chama-se *utópico* todo ideal de sociedade humana que se supõe maximamente desejável, mas geralmente considerado impraticável. A explicação mais geral da gênese deste gênero literário segue basicamente a idéia de que a Utopia foi gerada pelo processo burguês de racionalização da vida, próprio do Renascimento. É provável que nenhum dos principais autores das utopias do Renascimento cresse que a sociedade descrita fosse realizável, mas foram movidos pelo desejo de criticar a sociedade de sua época e de propor reformas, cumpridas na sociedade utópica. A utopia nasceu sob uma estrela promissora: representa, como *O Príncipe* e *O Cortesão*, um ponto de chegada do Humanismo *quattrocentesco*, e talvez seu limite: a concepção, construída pela práxis social, de que o homem poderia tomar para si, em suas mãos, seu próprio destino. A existência individual e o viver associado são vistos pelo Humanismo como históricos – humanos – e, portanto plásticos, moldáveis por uma teleologia que, embora sempre existente, chegava então a uma efêmera emancipação. Presidiu a gênese da utopia a crença na perfectibilidade social, sendo que a perfectibilidade humana já era intrínseca à concepção cristã. A utopia indicava que a sociedade era incompleta, e que

essa incompletude possuía uma solução. A formalização literária da completa remissão dos males sociais é, em si, a utopia. O texto que constrói com palavras uma pólis perfeita imagina ser possível a completude social, uma vez aplicados os ditames da Razão. Como alegoria, a utopia formaliza as contradições do momento presente de sua composição e projeta a noção de “eterno”, que é o produto daquela circunstância. O fermento platônico é em si evidente. Portanto, a utopia é a imagem da perfeição social imanente a um momento histórico concreto. A utopia seria também a junção da perspectiva ética com a economia, o que lhe imprime um sentido congenitamente anticapitalista e revolucionário.

Há muito tempo que as utopias são objeto de críticas, o que significa que foram, nesse processo, objeto de avaliação e julgamento: a história das variações valorativas e/ou semânticas da utopia foi minuciosamente estudada por H.G. Funke¹. Como resultado dessas análises, as utopias foram muitas vezes acusadas de promover uma atitude diletante na proposta de uma nova sociedade, por não considerarem as “realidades humanas”, tais como as ambições, o desejo de poder, etc., e estarem defasadas com as conquistas científicas da engenharia social. Também já foi dito que o espírito revolucionário utópico se dissolve por si mesmo, já que numa sociedade perfeita não cabem revoluções nem, portanto, mudanças e progresso².

A natureza da utopia, enquanto forma de representação, tem levado a um extraordinário elenco de problemas, o que evidencia a sua riqueza enquanto objeto privilegiado de estudo. Durante este encontro, portanto, propõe-se uma busca da definição da utopia enquanto gênero, e a averiguação da possibilidade desta definição. Todos os campos de reflexão estão incluídos: História, Filosofia, Literatura, Antropologia, História da Arte, Linguística, Psicologia, Política, Sociologia, Arquitetura, Urbanismo, Retórica.

Carlos E. O. Berriel

Editor da revista *MORUS – Utopia e Renascimento*

Professor no Departamento de Teoria Literária/IEL/UNICAMP

¹ FUNKE, H. G. L'évolution sémantique de la notion d'Utopie en français. In: HUDDE, H. et KUON, P. *De l'utopie à l'uchronie*. Tübingen, 1988, p. 19-37.

² TROUSSON, R. *Viaggi in nessun luogo*. Storia letteraria del pensiero utopico. Ravenna: Longo, 1992.

PROGRAMMA TEMATICO DEL
II Convegno Internazionale di Studi Utopici:
Che cos'è l'utopia? Genere e modi di rappresentazione
Rivista MORUS – Utopia e Rinascimento

Con l'occasione del "Convegno Internazionale Scienza e Tecnica nell'utopia e nella distopia", che si è tenuto a Firenze dal 22 al 23 maggio 2007, con un'iniziativa congiunta della rivista *MORUS – Utopia e Rinascimento* e del Dipartimento di Studi sullo Stato dell'Università degli Studi di Firenze, a seguito della deliberazione dei suoi partecipanti si è deciso di realizzare in Brasile un secondo incontro, che sarà precisamente il **II Convegno Internazionale di Studi Utopici: Che cos'è l'utopia? Genere e modi di rappresentazione**. Il convegno si terrà all'UNICAMP, a Campinas (São Paulo/Brasile), nei giorni 7, 8, 9 e 10 giugno 2009.

Lo scopo di questo **II Convegno Internazionale di Studi Utopici** è quello di delimitare la natura letteraria dell'Utopia e di chiarire le modalità della sua definizione in quanto genere – e anche di verificare la possibilità di un tale progetto. Questo problema ci conduce alla valutazione della sua storicità, del suo rapporto con l'esperienza del viaggio e con la critica sociale, cioè, con la politica; l'utopia coinvolge il pensiero filosofico, linguistico, antropologico, teologico, economico, etico, tutti i campi dell'arte: il fondamentale è trasformarla da soggetto a oggetto. Si tratta di definire il genere come punto di partenza e d'arrivo del pensiero, localizzandolo nella Storia concreta, deducendolo in forma sintetica e allontanando il procedimento più dispersivo che chiarificatore di qualificare come utopia qualsiasi configurazione sociale immaginaria. È questo l'obiettivo che si prefigge questo II Convegno Internazionale.

Le utopie sono state, nel loro mezzo millennio di storia, regolari interlocutrici delle varie società e teorie politiche corrispondenti, in quanto la stessa utopia è stata, qualche volta, una teoria politica e una proposta di società. Le definizioni puntuali, anche se utili e attendibili, non esauriscono il tema. Il genere, figlio della Storia, è la questione fondamentale. La soluzione sarebbe quella di porre il problema nella prospettiva storica: da Thomas More, inventore della parola, è chiamata Utopia quella descrizione di una società che si suppone perfetta in tutti i sensi, parola che vuol dire, in senso letterale, "quello che è in nessun luogo". È chiamato "utopico" ogni ideale di società umana che si ritiene massimamente desiderabile, però nel genere giudicato impraticabile. La spiegazione più generale della nascita di questo genere letterario si impernia fondamentalmente sull'idea della generazione dell'Utopia, a partire dal processo borghese di razionalizzazione della vita proprio del Rinascimento. È probabile che nessuno dei principali autori delle utopie del Rinascimento credesse che la società descritta fosse realizzabile, però essi sono stati mossi dal desiderio di criticare la società della loro epoca e ci hanno proposto riforme, portate a compimento nella società utopica descritta nelle loro opere. L'utopia è nata sotto una buona

stella: rappresenta, come *Il Principe e Il Cortigiano*, un punto d'arrivo dell'Umanesimo quattrocentesco, e forse anche il suo limite: la concezione, costruita dalla prassi sociale, secondo la quale l'uomo potrebbe, con le sue stesse mani, costruire il suo destino. L'esistenza individuale e il vivere associato sono stati visti dall'Umanesimo come storici – umani – e, dunque plastici, modellabili da una teleologia che, anche se è sempre esistita, è arrivata allora ad una effimera emancipazione. Ha orientato la genesi dell'utopia la credenza nella perfettibilità sociale, poiché la perfettibilità umana era già intrinseca alla concezione cristiana. L'utopia ha indicato che la società era di fatto incompiuta e che da questa incompiutezza derivava una soluzione. La formalizzazione letteraria della completa remissione dei mali sociali è, in sé, l'utopia. Il testo che costruisce con parole una polis perfetta s'immagina essere la possibile compiutezza sociale, una volta applicati i dettami della Ragione. Come allegoria, l'utopia formalizza le contraddizioni del momento presente nella loro composizione e proietta la nozione di "eterno", prodotto di quella circostanza. Il seme platonico è in sé evidente. Pertanto, l'utopia è l'immagine della perfezione sociale immanente in un momento storico concreto. L'utopia sarebbe anche la congiunzione della prospettiva etica con l'economia, il che le imprime un senso congenito anticapitalista e rivoluzionario.

È da molto tempo che le utopie sono oggetto di critiche, il che significa che sono state, in questo processo, oggetto di valutazione e giudizio: la storia delle variazioni di valutazioni e/o semantiche dell'utopia è stata studiata in modo particolare da H.G. Funke¹. Come risultato di queste analisi, le utopie sono state spesso accusate di promuovere un atteggiamento diletteantistico nella proposta di una nuova società, per il fatto che non tengono in conto le "realtà umane", come le ambizioni, il desiderio di potere ecc., e di non essere aggiornate per ciò che concerne le conquiste scientifiche dell'ingegneria sociale. È stato anche detto che lo spirito rivoluzionario utopico si estingue automaticamente, poiché in una società perfetta non c'è posto per rivoluzioni e, quindi, neanche per cambiamenti e progressi².

La natura dell'utopia, in quanto forma di rappresentazione, ci ha portato a una straordinaria complessità di problemi; il che mette in evidenza tutta la sua ricchezza in quanto oggetto privilegiato di studi. Durante questo incontro, dunque, si propone una ricerca della definizione dell'utopia come genere, oltre all'investigazione della possibilità di questa definizione. Tutti i campi di riflessione sono inclusi: Storia, Filosofia, Letteratura, Antropologia, Storia dell'Arte, Linguistica, Psicologia, Politica, Sociologia, Architettura, Urbanistica, Retorica.

¹ FUNKE, H. G. L'évolution sémantique de la notion d'Utopie en français. In: HUDDE, H. et KUON, P. *De l'utopie à l'uchronie*. Tübingen, 1988, p. 19-37.

² TROUSSON, R. *Viaggi in nessun luogo*. Storia letteraria del pensiero utopico. Ravenna: Longo, 1992.

PROGRAMME THÉMATIQUE DU
II Congrès International d'Études Utopiques:
Qu'est-ce que l'utopie? Genre et modes de représentation
Revue MORUS – Utopia e Rinascimento

À l'occasion du "Convegno Internazionale Scienza e Tecnica nell'utopia e nella distopia", qui a eu lieu les 22 et 23 mai 2007 à Florence, dans une initiative conjointe de la revue *MORUS – Utopia e Rinascimento* et du *Dipartimento di Studi Sullo Stato de l'Università degli Studi di Firenze*, d'après la décision de ses participants, il a été convenu la réalisation au Brésil d'une seconde rencontre, le **II Congrès International d'Études Utopiques: Qu'est-ce que l'utopie? Genre et modes de représentation**. Le congrès aura lieu à l'UNICAMP (Campinas/SP/Brésil) les 7, 8, 9 et 10 juin 2009.

Ce **II Congrès International d'Études Utopiques** vise à délimiter la nature littéraire de l'Utopie et à définir les modalités de sa définition en tant que genre – et même à vérifier si ce projet est-il possible. Telle question nous mène à l'évaluation de son historicité, de son rapport à l'expérience du voyage et à la critique sociale, c'est-à-dire, à la politique; l'utopie mobilise la pensée philosophique, linguistique, anthropologique, religieuse, économique, éthique, tous les champs de l'art, le fondamental étant la transformer de sujet en objet. Il s'agit de définir le genre comme point de départ et d'arrivée de la pensée, ce qui implique le situer dans l'Histoire concrète et le déduire de forme synthétique en s'éloignant du procédé plus dissolvant qu'éclairant, de qualifier comme utopie n'importe quelle représentation sociale imaginaire. Tel est l'objectif de ce II Congrès.

En un demi millénaire d'histoire, les utopies ont été interlocutrices continues des plusieurs sociétés et théories politiques correspondantes, en étant l'utopie elle-même, parfois une théorie politique et une proposition de société à la fois. Les définitions ponctuelles, encore qu'utiles et vraies, n'en épuisent pas le thème. Le genre, enfant de l'Histoire, c'est la question. La solution serait poser le problème dans la perspective historique: depuis Thomas Morus, auteur du mot, on désigne Utopie toute description d'une société censée parfaite dans tous les sens, et cela signifiant littéralement, "ce qui est nulle part". Par le terme "utopique" on comprend tout idéal de société humaine qui se suppose maximale souhaitable, mais généralement tenue impraticable. L'explication plus générale de la genèse de ce genre littéraire suit surtout l'idée que l'Utopie a été générée par le processus bourgeois de rationalisation de la vie, caractéristique de la Renaissance. Il est probable qu'aucun des principaux auteurs des utopies de la Renaissance n'aient cru que la société décrite ait été réalisable, mais ils ont été mûs par le désir de critiquer la société de son époque et de proposer des réformes, appliquées à la société utopique. L'utopie est née sous une bonne étoile: elle représente, comme *Le Prince* et *Le Courtisan*, un point d'arrivée de l'Humanisme quattrocentesco, et peut-être aussi sa limite: la conception, construite par la praxis sociale, selon laquelle l'homme pourrait prendre lui-

même, dans ses mains, sa propre destinée. L'existence individuelle et la vie associée sont vues par l'Humanisme comme étant historiques – humaines – et donc plastiques, moulables par une téléologie qui, même si toujours existante, aboutissait alors à une éphémère émancipation. La croyance en la perfectibilité sociale a présidé à la genèse de l'utopie, la perfectibilité humaine étant intrinsèque à la conception chrétienne. L'utopie indiquait que la société était incomplète, et que cette incomplétude possédait en soi une solution. La formalisation littéraire de la complète remission des maux sociaux est, en soi, l'utopie. Le texte qui construit avec des mots une polis parfaite imagine être possible la complétude sociale, une fois appliquées les coordonnées de la Raison. En tant qu'allégorie, l'utopie formalise les contradictions du moment présent de sa composition et projète la notion de "éternel", produit des circonstances énoncées ci-dessus. L'influence platonicienne est en soi évidente. Donc, l'utopie est l'image de la perfection sociale inhérente à un moment historique concret. L'utopie serait également la jonction de la perspective éthique avec l'économie, ce qui lui imprime un sens originairement anticapitaliste et révolutionnaire.

Depuis bien longtemps les utopies sont objet de critiques, ce qui signifie qu'elles ont été, dans ce processus, objet d'évaluation et de jugement: l'histoire des variations valoratives et/ou sémantiques de l'utopie a été minutieusement étudiée par H.G. Funke¹. Comme résultat de ces analyses, les utopies ont été plusieurs fois accusées de promouvoir une attitude dilettante dans la proposition d'une nouvelle société pour ne pas considérer les "réalités humaines" telles que les ambitions, la soif de pouvoir, etc., et pour ne pas être à jour par rapport aux conquêtes scientifiques de l'ingénierie sociale. On a aussi affirmé que l'esprit révolutionnaire utopique se dissolvait par soi-même, puisque une société parfaite ne comporte ni révolutions ni, par conséquent, de changements ou de progrès².

La nature de l'utopie en tant que forme de représentation a abouti à un extraordinaire ensemble de problèmes, ce qui met en évidence sa richesse en tant qu'objet privilégié d'études. Pendant cette rencontre, on propose donc une quête de la définition de l'utopie en tant que genre, et l'investigation de la possibilité de cette définition. Tous les champs de réflexion y sont contemplés: Histoire, Philosophie, Littérature, Anthropologie, Histoire de l'Art, Linguistique, Psychologie, Politique, Sociologie, Architecture, Urbanisme, Rhétorique.

¹ FUNKE, H. G. *L'évolution sémantique de la notion d'Utopie en français*. In: HUDDE, H. et KUON, P. *De l'utopie à l'uchronie*. Tübingen, 1988, p. 19-37.

² TROUSSON, R. *Viaggi in nessun luogo*. Storia letteraria del pensiero utopico. Ravenna: Longo, 1992.

**THEMATIC PROGRAM OF THE
2nd International Congress of Utopian Studies:
What is Utopia? Genre and Modes of Representation
*Revista Morus – Utopia e Rinascimento***

On the occasion of the “Convegno Internazionale Scienza e Tecnica nell’utopia e nella distopia”, in May 2007, a congress jointly sponsored by the journal *MORUS – Utopia e Rinascimento* and the *Dipartimento di Studi Sullo Stato* of the *Università degli Studi di Firenze*, it was decided, by deliberation of its participants, to organize a second meeting in Brazil, the **II International Congress of Utopian Studies: What is Utopia? Genre and Modes of Representation**. It will take place at Unicamp (Universidade Estadual de Campinas/SP/Brazil), from June 7-10, 2009.

The aim of the **II International Congress of Utopian Studies** is to determine the literary nature of utopia and define the modalities of its definition as a genre, as well as to examine the feasibility of such a project. This question leads to the appreciation of its historicity, its relation to the experience of traveling, its relation to social criticism, i.e., to politics: utopia mobilizes philosophical, linguistic, anthropological, religious, economic, and ethical reasoning, as well as all the fields of art: the fundamental aim is to convert it from a subject into an object. It’s a question of defining the genre as the starting point and the final goal of thought, observing it in concrete History, synthetically deducing the genre and eliminating the proceedings (which are rather dissolvent than enlightening), to define any imaginary social representation as utopia. This is the purpose of the II Congress.

Throughout the five centuries of their history, utopian writings have been constant interlocutors of different societies (and corresponding political theories), utopia itself being, sometimes, a political theory and a project of a society. Punctual definitions, although useful and true, do not solve the problem as a whole. Genre, an offspring of History, is the point. The solution could be putting the problem in a historical perspective: since Thomas Morus, who coined the word *utopia*, every description of any society which is supposedly perfect in every sense is called "utopia". The word literally means “that which is nowhere”. Any ideal of a human society which is supposed to be extremely desirable, but generally considered impracticable, is called “utopian”. The most general explanation of the origins of this literary genre basically follows the idea that Utopia was generated by the bourgeois process of rationalization of life, proper to the Renaissance. Probably none of the main authors of Renaissance utopias believed that the society which they depicted could be established, but, instead, they were moved by the desire to criticize the society of their times and to propose reforms, which were accomplished in the utopian society. Utopia was born under a favorable star: it represents, like *The Prince* and *The Courtesan*, a highlight of the *Quattrocento* Humanism, and maybe its

limit, as well: the concept, built by the social praxis, that man can steer the course of his own destiny. Individual existence and associate living are seen as human and historical by Humanism and, thus, “moldable” by a teleology that, although it had always existed, reached an ephemeral emancipation. The belief in social perfectibility underlay the genesis of utopia, once human perfectibility was already intrinsic to the Christian concept. Utopia showed that society was incomplete and provided a solution to that problem. The literary formalization of the complete remission of social ills is, in itself, utopia. The text that builds a perfect polis with words imagines that social completeness is possible if Reason’s dictates are applied. As an allegory, utopia formalizes the contradictions of the moment of its composition and projects the notion of “eternal”, which is the product of that condition. The platonic ferment is evident in itself. Therefore, utopia is the image of social perfection, immanent to a concrete historical moment. Utopia is also the junction of the ethical perspective and the economy, which gives it a congenitally anti-capitalistic and revolutionary meaning.

Utopias have been an object of criticism for a long time, which means that they were, in this process, an object of evaluation and judgment: the history of evaluative and/or semantical variations of utopia was minutely studied by H. G. Funke¹. As a result of these analyses, utopias were often accused of promoting a dilettante attitude towards the project of a new society, since they did not take into account “human realities”, such as ambitions, lust for power, etc., and for lagging behind scientific achievements of social engineering. It has also been stated that the revolutionary utopian spirit is the cause of its own dissolution, since revolutions, and thus changes and progress, cannot take place in a perfect society².

As a form of representation, the nature of utopia has raised an extraordinary number of issues, which attests its richness as a privileged subject of study. This meeting, thus, aims at looking for a definition of utopia as a genre and to investigate the feasibility of such a definition. The following fields of research are included: History, Philosophy, Literature, Anthropology, History of Art, Linguistics, Psychology, Politics, Sociology, Architecture, Urbanism, and Rhetoric.

¹ FUNKE, H. G. L'évolution sémantique de la notion d'Utopie en français. In: HUDDE, H. et KUON, P. *De l'utopie à l'uchronie*. Tübingen, 1988, p. 19-37.

² TROUSSON, R. *Viaggi in nessun luogo*. Storia letteraria del pensiero utopico. Ravenna: Longo, 1992.

Programa do
**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS UTÓPICOS:
O QUE É UTOPIA? GÊNERO E MODOS DE REPRESENTAÇÃO**

Revista *MORUS – Utopia e Renascimento*

7, 8, 9 e 10 de junho de 2009

Local: Anfiteatro da Unicamp

ABERTURA DOS TRABALHOS

Domingo, 7 de junho de 2009 – 17:00

Saudação de:

Reitor Fernando Costa e Vice-Reitor Edgar De Decca (pela UNICAMP)

Carlos Eduardo Ornelas Berriel (Coordenador do Congresso)

Alcir Pécora (Diretor do IEL)

Claudio De Boni, Gianluca Bonaiuti, Cosimo Quarta,

Vita Fortunati, Marie-Luce Demonet

(Representantes de entidades apoiadoras)

Conferência inaugural:

Jean-Michel Racault

Université de la Réunion (França)

"De l'idée de perfection comme élément définitionnel de l'utopie:
les utopies classiques et la nature humaine"

Segunda-feira, 8 de junho de 2009

MANHÃ: Mesa 1: Utopia e História

Moderador: Edgar De Decca

8:30	Carlos Eduardo Ornelas Berriel <i>UNICAMP (Brasil)</i>	Campanella, l'immaginazione utopica al servizio del cesaropapismo
8:50	Arrigo Colombo <i>Università di Lecce (Itália)</i>	La nuova linea dell'utopia
9:10	Vita Fortunati <i>Università di Bologna (Itália)</i>	Crisi delle ideologie e delle forme nella narrativa utopica del Novecento
9:30	Claudio De Boni <i>Università di Firenze (Itália)</i>	Positivismo e utopia: la religione dell'Umanità di Comte
9:50	Discussão	
10:10	Pausa-café	

Mesa 2: Utopia e Renascimento francês

Moderador: Peter Kuon

10:30	Marie-Luce Demonet <i>CESR (França)</i>	L'utopie comme comble de la fiction à la Renaissance
10:50	Laetitia Bontemps <i>CESR (França)</i>	Utopie et alchimie dans <i>L'Histoire véritable ou Le Voyage des princes fortunés</i> (1610) de François Béroalde de Verville
11:10	Yvone Soares dos Santos Greis <i>UNICAMP (Brasil) e CESR (França)</i>	La ville d'Orbe chez Barthélemy Aneau
11:30	José Alexandrino de Souza Filho <i>UFPA (Brasil)</i>	A utopia tupi, segundo Montaigne
11:50	Discussão	

TARDE: Mesa 3: Conceito de utopia e viagem

Moderadora: Marie-Luce Demonet

14:30	Hilário Franco Jr. <i>USP (Brasil)</i>	Utopia, terra de hereges?
14:50	Peter Kuon <i>Universität de Salzburg (Áustria)</i>	La naissance de l'utopie comme supplément au récit de voyage
15:10	Ana Cláudia Romano Ribeiro <i>UNICAMP (Brasil)</i>	A utopia e a sátira
15:30	Susani Silveira Lemos França <i>UNESP (França, Brasil)</i>	Reminiscências e observação no universo dos viajantes dos séculos XIV e XV
15:50	Discussão	
16:10	Pausa-café	

Mesa 4: Variações sobre Morus

Moderadora: Cristina Meneguello

16:30	Costica Bradatan <i>Texas Tech University (EUA)</i>	On the very notion of utopia
16:50	Jorge Bastos da Silva <i>Universidade do Porto (Portugal)</i>	Thomas More, utopista <i>malgré lui</i>
17:30	Helvio Gomes Moraes Junior <i>UNICAMP/UNEMAT (Brasil)</i>	Cidade utópica e cidade ideal em Francesco Patrizi da Cherso
17:50	Fátima Vieira <i>Universidade do Porto (Portugal)</i>	Novas tecnologias, novas utopias
18:10	Discussão	

Terça-feira, 9 de junho de 2009

MANHÃ: Mesa 5: Fontes antigas da utopia**Moderadora: Ivone Gallo**

8:30	Jacyntho Lins Brandão <i>UFMG (Brasil)</i>	Alotopias de Luciano de Samósata
8:50	Maria José García Soler <i>Universidad del País Vasco (Espanha)</i>	La utopía gastronómica en la comedia griega antigua
9:10	Hernán Martignone <i>Universidad de Buenos Aires (Argentina)</i>	La antiutopía de las Amazonas en el <i>Hipólito</i> de Eurípides
9:30	Carolina Araújo <i>UFRJ (Brasil)</i>	A possível <i>República</i> de Platão
9:50	Discussão	
10:10	Pausa-café	

Mesa 6: Utopia e política**Moderador: Carlos E. O. Berriel**

10:30	Cosimo Quarta <i>Università di Lecce (Itália)</i>	Livelli del pensiero utopico: antropologia, storia, letteratura
10:50	José Paulo Netto <i>UFRJ (Brasil)</i>	Marx e o conceito negativo de utopia
11:10	Ivone Gallo <i>PUC Campinas/UNICAMP (Brasil)</i>	Utopia e socialismo
11:30	Francisco Foot Hardman <i>UNICAMP (Brasil)</i>	Utopias e Distopias Panamericanas: Sousândrade, Miller, Bolaño
11:50	Discussão	

TARDE: Mesa 7: Utopia e linguagem**Moderador: Francisco Foot Hardman**

14:30	Margarida Salomão <i>UFJF (Brasil)</i>	Metáforas da utopia no espaço público contemporâneo: evidências linguísticas em português
14:50	Benjamin Abdala Jr. <i>USP (Brasil)</i>	Administração da diferença, preservação da hegemonia
15:10	Elias Thomé Saliba <i>USP (Brasil)</i>	Quando o futuro vira piada: dimensões humorísticas das utopias modernas
15:30	Edwiges Morato <i>UNICAMP (Brasil)</i>	Utopias e distopias no campo linguístico: as concepções e as teorias sobre as afasias
15:50	Bruno Dallari <i>PUC (São Paulo, Brasil)</i>	Dante Alighieri e o projeto do vulgar ilustre
16:10	Discussão	
16:30	Pausa-café	

Mesa 8: Desdobramentos do gênero utópico**Moderadora: Iara Lis Schiavinatto**

16:50	Adriana Corrado <i>Università Suor Orsola Benincasa (Itália)</i>	Da dove ricominciare oggi per progettare l'utopia?
17:10	Márcio Seligmann-Silva <i>UNICAMP (Brasil)</i>	O utopismo iluminista e romântico: crise e reinvenção do gênero
17:30	Cristina Meneguello <i>UNICAMP (Brasil)</i>	Zanzalá, uma utopia brasileira
17:50	Emerson Tin <i>FACAMP (Brasil)</i>	O eu e o outro nas <i>Lettres chinoises</i> , de Voltaire

Quarta-feira, 10 de junho de 2009

MANHÃ: Mesa 9: Utopia e arte

Moderador: Alcir Pécora

8:30	Luiz Marques <i>UNICAMP (Brasil)</i>	A imaginação pictórica da cidade no Renascimento
8:50	Luciano Migliaccio <i>USP (Brasil)</i>	Utopia e estoicismo no <i>Studiolo del Cardinale Ferdinando de' Medici</i> em Roma: duas pequenas pinturas de Jacopo Zucchi e o mito das Ilhas Afortunadas
9:10	Jens Baumgarten <i>UNIFESP (Brasil)</i>	Uma utopia negativa pós-tridentina: as relações entre o disciplinamento individual e a liberdade estética
9:30	Gianluca Bonaiuti <i>Università di Firenze (Itália)</i>	Utopia come scienza escapologica
9:50	Iara Lis Schiavinatto <i>UNICAMP (Brasil)</i>	Entre utopias e distopias: indicações sobre a catástrofe
10:10	Discussão	
11:20	Pausa-café	

Mesa 10: Representações da utopia

Moderador: Márcio Seligmann-Silva

8:30	Leandro Karnal <i>UNICAMP (Brasil)</i>	América utópica: representações do Novo Mundo nas crônicas missionárias
8:50	Antônio Edmilson M. Rodrigues <i>UERJ/ PUC RJ/ UFF (Brasil)</i>	Das possibilidades de cidades utópicas: os projetos urbanos no espaço do Novo Mundo
9:10	Alcir Pécora <i>UNICAMP (Brasil)</i>	O V império é uma utopia?
9:30	Suzana Albornoz <i>UNISC (Brasil)</i>	<i>A Nova Atlântida</i> , de Francis Bacon (1561-1626), na visão do filósofo da utopia Ernst Bloch (1885-1977)
9:50	Edgar De Decca <i>UNICAMP (Brasil)</i>	Iluminismo e utopia
10:10	Discussão	

TARDE: Mesa 11: Utopia e contemporaneidade

Moderador: Emerson Tin

14:30	Marianna Forleo <i>ISFOL (Itália)</i>	Le mappe dell'utopia
14:50	Laura Tundo Ferente <i>Università del Salento (Itália)</i>	L'utopia cosmopolitica moderna
15:10	Edson Luiz André de Souza <i>UFRGS (Brasil)</i>	Psicanálise e a vocação iconoclasta das utopias
15:30	Biagio d'Angelo <i>PUC (São Paulo, Brasil)</i>	Perséfone no espaço. A literatura e a morte dos mitos na ficção científica
15:50	Alfredo Cordiviola <i>UFPE (Brasil)</i> Ildney Cavalcanti <i>UFAL (Brasil)</i>	Em busca das utopias da/na América Latina: identidades, literatura e cultura
16:10	Discussão	
16:30	MESA DE ENCERRAMENTO	

DISCURSO DE ABERTURA

Prezados Senhores e Colegas,

Sejam todos bem-vindos. Inicia-se aqui, na Unicamp, o **II Congresso Internacional de Estudos Utópicos da Revista Morus – Utopia e Renascimento**, com o tema **O QUE É UTOPIA? GÊNERO E MODOS DE REPRESENTAÇÃO**. Este evento ocorre por determinação dos participantes do “Convegno Internazionale – Scienza e Tecnica nell’utopia e nella distopia”, ocorrido em Florença, Itália, em maio de 2007, numa iniciativa conjunta da Revista Morus e do Departamento de Estudos sobre o Estado da Universidade de Florença, através da pessoa extraordinária do Prof. Claudio De Boni. Este encontro atual de inteligências visa precisamente delimitar a natureza da Utopia e avaliar as modalidades de sua definição enquanto gênero, e verificar se este projeto é possível.

Buscaremos neste encontro avaliar a historicidade da utopia, sua relação com a experiência da viagem, com a crítica social, com a política e também com os outros fenômenos literários; a utopia exige a mobilização do raciocínio filosófico, lingüístico, antropológico, religioso, econômico, ético: o fundamental é *transformá-lo de assunto em objeto*. Trata-se de definir o gênero como ponto de chegada crítico, localizando-o dentro da História concreta, deduzindo-o de forma sintética. Afinal, definir um gênero é estabelecer o encontro entre a História e as obras.

O Humanismo florentino criou a noção de que o homem, visto então como o indivíduo burguês, era livre para construir sua própria vida. A existência humana terrena deixou de ser concebida como um destino já desenhado, um livro escrito por forças metafísicas e alheias às individualidades, a quem cabia apenas desempenhar o papel de vivê-la. E foi apenas um passo ir da capacidade humana de traçar sua existência individual para idêntica liberdade no plano coletivo; a livre organização do viver associado é o pressuposto genético da utopia.

Há muito tempo que a utopia é alvo de críticas e de aversão, o que significa que foi, neste processo, objeto de avaliação e julgamento. Como resultado destas análises, as utopias foram costumeiramente criticadas como promotoras de uma atitude cega para com as “realidades humanas”, tais como as ambições, o desejo de poder, etc., já que é fácil imaginar uma sociedade ideal quando as realidades concretas não são levadas em consideração. Também já foi dito que o espírito revolucionário utópico se dissolve por si mesmo, já que numa sociedade perfeita não cabem revoluções nem, portanto, mudanças e progresso. Estas indagações, embora pertinentes, estão porém longe de esgotar o assunto; entretanto, servem para nos colocar em posição de alerta contra definições do tema que enveredem pela candura diluente. É tão danoso ao conceito utópico tanto a sua rejeição baseada no desconhecimento quanto a sua utilização sentimental. Para a pensadora Maria Moneti, o que aconteceu com a palavra utopia é similar ao que aconteceu com a palavra filosofia: chegamos a um uso semântico distendido

destas palavras, de forma que não sabemos mais o que exprimimos quando dizemos *utopia* ou *filosofia*. Este congresso é uma oportunidade de lutar contra a banalização acima referida, e para a construção de um patrimônio crítico e histórico do gênero utópico.

Quando alguém se pergunta sobre a possível perenidade da forma atual da sociedade, ou se subsiste uma alternativa, está operando no terreno da utopia – está imaginando uma estrutura social cuja efetividade não se deu. Aí está a qualidade humana básica: a teleologia, ver antes o que ainda não aconteceu. A utopia serve claramente para humanizar o homem, dotá-lo da noção de que a História se constrói e se destrói pela exclusiva ação humana, sem interferências metafísicas. Para a disciplina do utopista, o mundo nunca é apenas aquilo que se nos apresenta, mas é também aquilo que não se deixa ver, mesmo atuando sobre a vida humana, para o bem ou para o mal. Então, diante de qualquer forma social, o procedimento utópico capta as possibilidades dissimuladas, o real não efetivado, e a partir dela cria uma forma sensível – a própria utopia – que nos permite ver o invisível, nos habilita a lidar com o apenas insinuado.

É insofismável que somos contemporâneos de uma poderosa ciência desprovida de uma ética suficiente e realmente operante. O desenvolvimento técnico-científico contemporâneo anda com escasso governo quanto às finalidades humanas, havendo um divórcio entre padrão científico e padrão ético. Aí está o problema que interessa à utopia: o que acontece com a vida, ou acontecerá, se as invenções científicas não passarem pelo vestibulo do consenso moral? Responder a esta pergunta já é em grande parte responder à questão: O que é utopia?

Desde o primeiro momento este trabalho, proposto inicialmente pelos membros da Revista *Morus*, encontrou o apoio caloroso de pessoas e instituições que se tornaram promotoras e apoiadoras do evento, a começar pelo *U-TOPOS – Centro de Estudos sobre Utopia*, do IEL-UNICAMP, que reúne a maioria dos principais pesquisadores dos temas utópicos no Brasil. Obtivemos o pronto apoio da Reitoria da Unicamp, na pessoa do Magnífico Reitor Prof. Fernando Costa, aqui representado pelo Vice-Reitor Prof. Edgar De Decca – ele próprio membro da Comissão Organizadora do II Congresso – e do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP através de seu diretor, o Prof. Alcir Pecora, que contribuiu de todas as formas ao seu alcance. Entre as instituições nacionais que deram pleno apoio ao evento estão o Departamento de História do IFCH/UNICAMP, através da Profa. Cristina Meneguello, do Instituto de Artes/UNICAMP, através da Profa. Iara Lis Schiavinatto, do Departamento de História /PUC/Campinas, através da Profa. Ivone Gallo, e da FACAMP/Campinas, através do Prof. Emerson Tin.

As instituições patrocinadoras estrangeiras, que deram sua essencial colaboração e apoio, são o Dipartimento di Studi Sullo Stato da Universidade de Florença, Itália, através de Cláudio De Boni, o *Centro Interuniversitario*

di Studi Utopici da Universidade do Salento, de Lecce, Itália, através dos professores Arrigo Colombo e Cosimo Quarta, o *Centro Interdipartimentale di Ricerca sull'Utopia* da Universidade de Bolonha, Itália, através da Profa. Vita Fortunati, e finalmente a Profa. Marie-Luce Demonet, do *Centre d'Études Supérieures de la Renaissance* de Tours (França).

É preciso citar ainda a decidida colaboração de dois outros membros da Comissão de Organização, o Prof. Carlos Antônio Leite Brandão, da Faculdade de Arquitetura/UFMG, e da Profa. Edwiges Morato, do DL/IEL/UNICAMP.

Menciono ainda o apoio do Prof. Francisco Foot Hardmann, coordenador da Secretaria de Projetos do IEL-Unicamp, onde atua a eficientíssima Creuza Dias – decisiva para o desvendamento dos mistérios cabalísticos dos órgãos de financiamento.

As entidades financiadoras nacionais compreenderam o sentido e abrangência de nosso congresso, e permitiram com seus recursos que aqui estivéssemos: a própria Reitoria da Unicamp, a CAPES, o CNPq, o FAEPEX e a FAPESP, graças à intervenção de seu Diretor Científico, o Prof. Carlos Henrique Brito Cruz.

Recordo com afeto o apoio dado pelo Jornal da Unicamp, que nos dedicou duas edições organizadas por Álvaro Kassab, e por Stefania Serra. Não posso deixar de agradecer ainda à ajuda essencial de Yvone Greis, de Daniela Spinelli, de Geraldo Witezi, de Juliana Lopes, de Laura Cielavin Machado, de Milene Baldo – meus caríssimos orientandos, e também de Carolina Hebling, Julia Marinho e Erik Martins, orientandos da Prof. Edwiges Morato.

Aceitou com grande generosidade nosso convite para proferir a conferência inaugural o professor emérito da Universidade da Réunion (França), Jean-Michel Racault, um dos mais importantes estudiosos contemporâneos da utopia. Ponho-lhe todos os meus agradecimentos.

E para encerrar, antes de passar a palavra para o vice-reitor e coordenador geral da Universidade, Prof. Edgar De Decca, e aos demais membros desta mesa, quero creditar o essencial da realização deste II Congresso à sua extraordinária Comissão Executiva, Ana Cláudia Romano Ribeiro e Helvio Gomes Moraes Jr. que, mais do que prometia a força humana, carregaram o peso de transformar uma idéia em realidade.

Carlos E. O. Berriel

Textos

